

## **SÃO PAULO: DA GAROA À MISTIFICAÇÃO DO DESEMPREGO**

José Eli da Veiga

[A mistificação que precisa ser denunciada é a estranha somatória de “aberto” com “oculto” para se chegar a um desemprego dito “total”.]

*Valor*, terça 03/06/03

Muita gente está alarmada com o noticiário sobre o desemprego. Com razão, pois manchetes que anunciaram taxa recorde de 20,6% - ou de 1.941.000 desempregados somente na metrópole paulista - foram incansavelmente destacadas em centenas de programas de televisão e de rádio, além de terem sido estampadas em letras monumentais por vários jornais diários. E coisa tão repetida só pode ser verdade, não é? Felizmente a resposta é negativa. No *release* distribuído à imprensa pela Fundação Seade (disponível em [www.seade.gov.br](http://www.seade.gov.br)) nota-se facilmente que se trata de um modo muito peculiar, embora recorrente, de interpretar os resultados mensais de sua excelente Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). Uma distorção que por desejo do Dieese vem sendo praticada desde 1985, e caminha em direção diametralmente oposta aos padrões adotados no resto do mundo.

Em abril de 2003, a taxa de desemprego propriamente dita (do “aberto”, no jargão técnico) chegou a 13,6% na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP).

Ela deve ser comparada com a de abril de 2002, que foi de 13,3%. Um ligeiro aumento que não justifica tanto susto. Além disso, a PED também mede um outro fenômeno, bem diferente, chamado por aqui de “desemprego oculto”, composto principalmente por pessoas que estão realizando algum trabalho irregular (como por exemplo, a ajuda a negócios de parentes), mas que simultaneamente declaram estar em busca de outra atividade. Essa segunda variável, que revela principalmente a situação de trabalhadores sujeitos a ocupações precárias, teve uma trajetória diferente: passou de 7,1% em abril de 2002 para 7,0% em abril de 2003.

A essência da mistificação que precisa ser denunciada é essa estranha somatória de “aberto” com “oculto” para se chegar a um desemprego dito “total”, de 20,6%. Nos Estados Unidos, por exemplo, onde as pesquisas oficiais sobre desemprego são muito mais sofisticadas, divulgam-se sete taxas diferentes, mas só se aceita a agregação das cinco primeiras, que são justamente as que não incluem o que se chama por aqui de “desemprego oculto”. O “*conventional unemployment rate*” não incorpora taxas de subemprego (“*part time*”) e de desalento (“*discouraged*”), os dois ingredientes do dito “oculto”. E é assim que se faz em toda terra que não dá jabuticaba: divulgam-se todas as medidas, mas não se totaliza alhos com bugalhos.

Outras coisas também precisam ser esclarecidas para que se combata o vírus alarmista sobre um suposto aumento catastrófico do desemprego. Há pelo menos dois outros fatos que não podem ser ignorados por quem repudia demagogues. O primeiro diz respeito à importância relativa da RMSP na economia paulista, e o segundo aos contrastes da evolução do desemprego dentro dela.

O interior paulista, e principalmente algumas de suas principais aglomerações urbanas não-metropolitanas, têm apresentado um desempenho econômico bem superior ao da RMSP. Só não sabe disso quem não tomou conhecimento do estudo realizado pela Fipe para a Secretaria de Economia e Planejamento, intitulado “Evolução Econômica das Regiões do Estado de São Paulo”. Na segunda metade da década de 1990, a movimentação econômica cresceu três vezes mais nas regiões polarizadas por São José dos Campos, Marília e Sorocaba, e duas vezes mais nas de São José do Rio Preto, Campinas e Presidente Prudente. Em termos de dinamismo, a RMSP só superou 3 das 14 regiões do interior paulista. E no final dos anos 1990 ela até passou ao penúltimo lugar, só ganhando da região essencialmente pecuária de Araçatuba...

Infelizmente ainda não se dispõe de resultados semelhantes para o início dos anos 2000. Principalmente devido a dificuldades com a obtenção de um dos mais significativos indicadores da atividade econômica: o consumo setorial e residencial de energia elétrica. Por isso, todos os estudiosos da economia paulista, a começar pelos que se dedicam ao planejamento governamental, só podem aplaudir a iniciativa já tomada pela Secretaria de Energia de recuperar rapidamente a coleta desses dados para os anos faltantes.

O segundo fato que deve merecer atenção de quem quiser fazer uma leitura rigorosa dos resultados da pesquisa (PED) é o contraste que se estabeleceu entre os comportamentos do emprego no município de São Paulo e no restante da RMSP. Apesar de ter sido destacado no “*release*” distribuído pela Fundação Seade, esse fato foi inteiramente desprezado pelo Dieese na coletiva de imprensa que gerou as manchetes da semana passada. Mas é fundamental notar que o desemprego (“aberto”) vem aumentando muito mais na capital do que no seu

entorno metropolitano. Nos últimos 12 meses, enquanto o desemprego aumentou 4% na capital, no conjunto dos outros 37 municípios metropolitanos ele só aumentou 1,4%. Paralelamente, a insatisfação com trabalhos precários – também impropriamente somada ao desalento para obter o tal “oculto” - ficou constante na capital, enquanto caía 2,7% no restante da RMSP.

Se a economia metropolitana está em relativa retransa, e se a relação entre procura e oferta de trabalho piora menos em concentrações suburbanas como o ABC, Guarulhos ou Osasco, isto só pode ser sinal de que há dimensões da tão falada “reestruturação produtiva” que ainda não foram bem detectadas, e sobre as quais não se deve especular. Todavia, uma coisa está clara: é desaconselhável dar bola para uma abusiva taxa de desemprego “total” - e ainda restrita exclusivamente à metrópole paulista – pois ela acaba ludibriando e assustando dezenas de milhões de brasileiros em busca de informação pelo rádio, televisão, jornais diários, ou revistas semanais. É revoltante que esse tipo de miopia tire o sono dos governantes, sejam eles federais, estaduais ou municipais, sejam eles do partido A, B ou C. Pior: é lamentável que essa estranha mistificação seja alimentada pela imaturidade do movimento sindical. Mais do que tudo é imprescindível que o Ministro do Trabalho Jacques Wagner não se deixe desorientar por essa doença infantil do petismo.